



**Tango da moratória**  
PÁG. 21

## ARGENTINA NÃO CHEGA A ACORDO COM FUNDOS

Secretário de Finanças argentino, Pablo López (foto), foi à reunião em NY. FMI alertou para efeitos de calote

**Mercado de trabalho**  
PÁG. 22

# 3,2%

Greve no IBGE atrapalha, pelo segundo mês consecutivo, a divulgação da Pesquisa Mensal de Emprego (PME). Sairam apenas os dados de algumas regiões metropolitanas, como o Rio, cujo desemprego recuou a 3,2%

## QUALIDADE DE VIDA

# Brasil avança a passos lentos

País sobe um degrau no IDH, para a 79ª posição, mas educação fica estagnada

MARtha BECK, GABRIELA VALENTE, LUCIANNE CARNEIRO e CLARICE SPITZ  
economia@oglobo.com.br

**-BRASÍLIA E RIO-** O Brasil subiu um degrau no ranking de qualidade de vida no ano passado e ocupa agora o 79º lugar, entre 187 países, no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Foi uma das 18 nações a avançar, registrando melhora em todos os quesitos, exceto educação, mantendo-se, assim, na categoria de alto desenvolvimento humano com outros emergentes como Rússia, China, Turquia e Uruguai. Apesar do avanço, o passo das conquistas ficou mais lento. Nos anos 1980, o país registrou aumento médio de 1,16% por ano, ritmo que caiu para 1,10% na década seguinte. Entre 2000 e 2013, foi de 0,67%. Desde 2008, o Brasil perdeu quatro posições no ranking, enquanto a China, por exemplo, avançou dez.

A tônica do relatório deste ano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) foi de como os países devem reduzir as vulnerabilidades para evitar retrocessos sociais. No documento, há 20 menções ao Brasil. São apontados como exemplos bem-sucedidos o programa Bolsa Família, o aumento do consumo na baixa renda, o avanço do emprego e a redução das disparidades raciais por meio do programa de cotas nas universidades.

— O Brasil avançou nas três áreas que compõem o IDH (saúde, educação e renda), mas isso não apareceu na educação porque as bases de dados ainda não captaram essas mudanças — explica a coordenadora do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, Andréa Bolzon.

**ECONOMIA FRACA E INFLAÇÃO AMEAÇAM CONQUISTAS**  
Alguns analistas veem o baixo crescimento econômico brasileiro e a inflação alta como riscos às conquistas sociais dos últimos anos. Na opinião de Flávio Comim, da UFRGS e da Universidade de Cambridge, os efeitos podem ocorrer na deterioração do mercado de trabalho e em uma menor margem para gastos públicos em saúde e educação.

— Os riscos são evidentes. No Brasil, ainda existe uma dívida social muito grande e hiatos em relação a outros países, nos itens educação e saúde. É necessário um crescimento inclusivo, que passe pela maior qualidade dos serviços prestados.

Mais do que o ritmo lento de crescimento da economia, no entanto, a preocupação da professora da UFPE Tatiane de Menezes com o futuro do desenvolvimento humano diz respeito à inflação alta e a sua tendência de aumentar a desigualdade:

— Corremos o risco principalmente por causa da inflação, que transfere renda do pobre para o rico e aumenta a concentração de renda. O pobre não tem como se proteger. Além disso, se a economia para de crescer, há aumento de desemprego, que gera insegurança alimentar — afirma Tatiane.

Com uma avaliação diferente, o professor da Universidade de Brasília e pesquisador do Ipea Marcelo Medeiros considera improvável um retrocesso nos ganhos sociais diante de um crescimento menor da economia, embora reconheça que o ritmo tende a ser menor:

— É provável que haja uma desaceleração na melhora do desenvolvimento humano, mas é improvável um retrocesso. A economia ainda vai crescer, sugerindo aumento de renda. E os ganhos de educação e saúde são mais estáveis que renda.

Em relação ao topo de qualidade de vida, o Brasil ainda tem muito a avançar. Tem hoje o equivalente a 90,7% da expectativa de vida da Noruega, primeira colocada no ranking. Já em termos de renda, o país tem apenas 22,3% da renda do país nórdico e 57% dos anos de estudo. A expectativa de vida brasileira, hoje de 73,9 anos, é a segunda mais baixa entre os países da América Latina com o mesmo nível de desenvolvimento (alto).

O presidente do Iets, Simon Schwartzman, não vê risco de perda de ganhos sociais, mas considera que ainda é preciso dar um salto qualitativo.

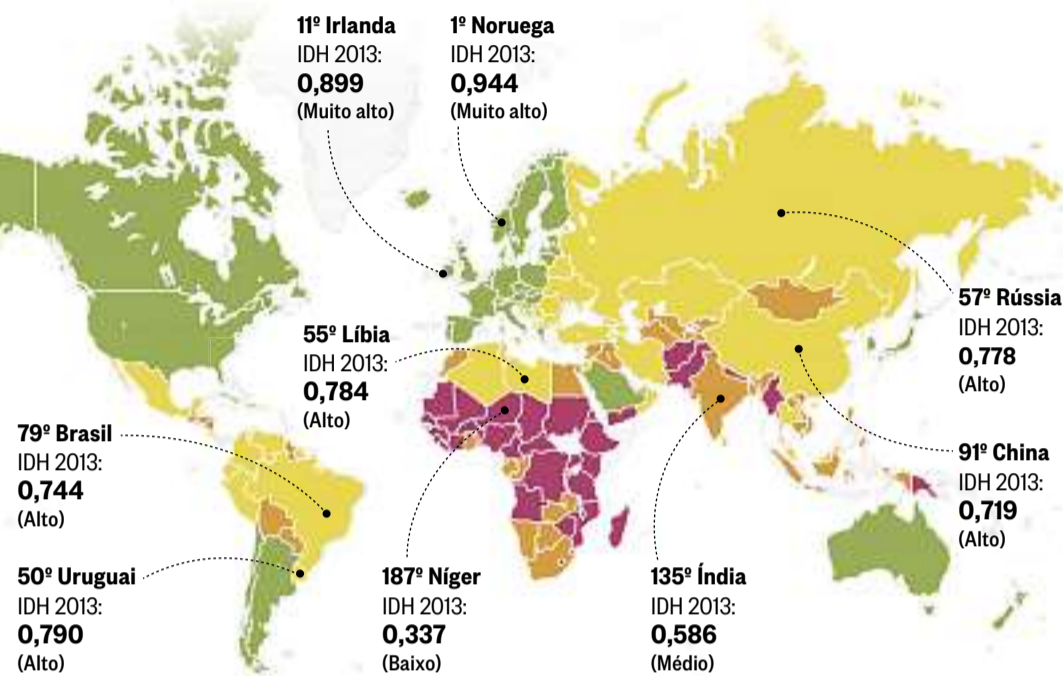
— Há melhorias que não dependem unicamente de renda. Para se melhorar a qualidade do sistema escolar e o de saúde, não se precisa necessariamente aumentar gastos — afirma. ●

**NA WEB**  
<http://globo.com/1BhKtP>  
Flávia Oliveira: Desigualdade reduz IDH do Brasil ao nível dos anos 1980

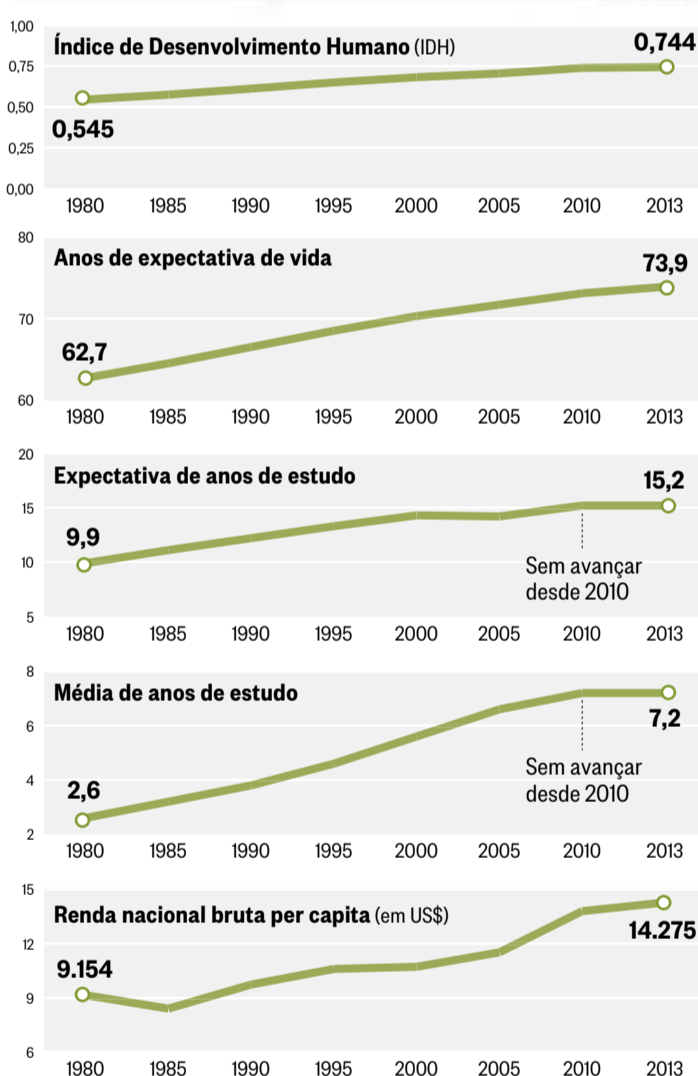
Governo argumenta que ONU usou dados defasados no relatório, na página 18

## MAPA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO EM 2013

Categoria ■ Muito alto ■ Alto ■ Médio ■ Baixo



## Evolução dos indicadores do Brasil



## Ranking

IDH médio mundial foi de 0,702. O Brasil subiu uma posição em relação ao ranking reajustado do ano passado, passando para a 79ª posição.

País	IDH 2013
1º Noruega	0,944
2º Austrália	0,933
3º Suíça	0,917
4º Holanda	0,915
5º EUA	0,914
6º Alemanha	0,911
7º Nova Zelândia	0,910
8º Canadá	0,902
9º Cingapura	0,901
10º Dinamarca	0,900
27º Espanha	0,869
29º Grécia	0,853
41º Chile	0,822
44º Cuba	0,815
49º Argentina	0,808
57º Rússia	0,778
67º Venezuela	0,764
79º BRASIL	0,744
91º China	0,719
109º Botswana	0,683
113º Bolívia	0,667
118º África do Sul	0,658
135º Índia	0,586
166º Sudão	0,473
187º Niger	0,337

Fonte: Pnud

B 200 Turbo Sport 2014 0km  
à vista R\$ 115.900,  
Também blindado



**Mercedes-Benz**  
The best or nothing.

f /intercarmotocars

**Intercar**

Copacabana: Av. Atlântica, 1536 A ☎ 21 2159 3937  
Rua Francisco Eugênio, 160 ☎ 21 2197 8000  
[www.intercar.com.br](http://www.intercar.com.br)

**Na cidade somos todos pedestres.** B 200 Turbo Sport, modelo ano 13/14 à vista R\$ 115.900,00. Oferta válida para consumidores do Estado do Rio de Janeiro. Sujeito a variações de ICMS conforme legislação de cada Estado até 25/07/14. Frete incluso para entrega na concessionária onde foi realizada a compra. Pintura metálica inclusa.

**NOVE MARCHAS** **RANGE ROVER EVOQUE 2014**  
O Evoque é o primeiro carro do Brasil com 9 marchas.  
Venha fazer um TEST DRIVE



Na cidade somos todos pedestres.

Taxa zero com 60% de entrada (R\$ 115.200,00), mais saldo em 12 parcelas mensais fixas de R\$ 6.561,32

**LAND ROVER**  
**SERVIÇOS FINANCEIROS**  
f /intercarlandrover

**Intercar**

ITAIPAVA: Estrada União e Indústria, 10.490  
☎ 24 2232 1555  
[www.intercarlandrover.com.br](http://www.intercarlandrover.com.br)

Condições válidas para o modelo Evoque Pure Tech, 5 portas, 0km, ano 2014, preço à vista, no valor de R\$ 192.000,00 ou com financiamento para pessoa física, entrada de R\$ 115.200,00, 12 parcelas mensais fixas de R\$ 6.561,32. Taxa de 0,0% em, CET 4,72% ao IOF e TC incluso no CET. Valor total a prazo de R\$ 193.935,84. Financiamento na modalidade CDC (Crédito Direto ao Consumidor), através da Financeira Alfa S/A - CF. Sujeito a análise e aprovação de crédito. Os serviços financeiros da Jaguar Land Rover são operacionalizados pela Financeira Alfa S/A - CF. Condições válidas de 01/07/2014 a 31/07/2014 ou enquanto durarem o estoque de 05 unidades do referido modelo. SAC 0800 3452532 (Financeira Alfa especialmente para clientes Land Rover) - Ouvidoria: 0800 7220140 - e-mail: ouvidoria@alfafinet.com.br. Exclusivo para deficientes auditivos: SAC: 0800 7705244 Ouvidoria: 0800 7705140. Para maiores informações, consulte a rede de concessionárias.

miriamleita@oglobo.com.br

## MÍRIAM LEITÃO



COM ALVARO GRIBEL (DE SÃO PAULO)

## Juros não caem

Uma dúvida dos últimos dias já estava derrubando a curva de juros. Era a de que, diante da fraqueza da economia e da eleição, o Banco Central iria reduzir a Selic. Alguns analistas achavam que sim. Na Ata divulgada ontem, o Copom tirou do radar essa possibilidade, por enquanto. Com palavras e números, avisou que continuará trabalhando para que a inflação caminhe para a meta.

Inflação e meta não se encontrarão neste governo, mas talvez haja esperança dessa convergência ocorrer em algum ponto do “horizonte relevante para a política monetária”. Nesse inespecífico futuro, o Brasil terá uma inflação de 4,5%. Na atual administração, isso não aconteceu. O importante, no entanto, é que o BC, mesmo sem a ajuda da política fiscal, não jogou a toalha.

Melhor assim, porque apesar da fraqueza do PIB, a inflação está acima do teto da meta e o déficit em conta-corrente se aproxima de 4% do PIB. Reduzir juros não estimularia a atividade, mas reduziria ainda mais a confiança na ação do Banco Central neste fim de mandato.

Logo no primeiro parágrafo, a Ata do Copom mostra um quadro difícil. Olhando para os números da inflação, o BC registra que a taxa em junho deste ano é de 6,52%, acima do teto da meta, e que em junho do ano passado ela também estava acima, em 6,72%. Ou seja, 12 meses e muitas elevações de juros depois, pouca coisa mudou e os preços continuam acima da margem de tolerância. Isso acontece mesmo com a estagnação econômica e a contenção dos preços da gasolina, energia elétrica e câmbio.

Como registrou o documento, a inflação permanece resistente. O economista Luiz Roberto Cunha é um dos que tem cenário de que o ano termina com o IPCA abaixo de 6,5%. Mesmo assim, Cunha lembra que há muita incerteza em relação às tarifas e a inflação de serviços permanece muito alta. “Reduzir juros agora seria perigoso”, disse.

O principal recado da Ata é afastar a possibilidade de um corte de juros este ano, interpretação que vinha crescendo no mercado a cada novo indicador de baixa da atividade e queda da confiança dos agentes econômicos. O problema é que, com esse nível de inflação, reduzir a Selic teria mais efeitos colaterais do que benefícios.

O impulso na economia não aconteceria com uma pequena redução dos juros, e o Banco Central perderia ainda mais o controle sobre as expectativas. A entrada de dólares no país seria menor, e isso colocaria pressão sobre a nossa moeda. Não haveria ganhos e se jogaria mais lenha na fogueira da inflação.

Em uma das tentativas de acabar com a impressão, o BC, no parágrafo 31 da Ata, registrou: “...o Comitê antecipa cenário que contempla inflação resistente nos próximos trimestres, mas, que, mantidas as condições monetárias — isto é, levando em conta estratégia que não contempla redução do instrumento de política monetária — tende a entrar em trajetória de convergência para a meta nos trimestres finais do horizonte de projeção.”

Embora fale em convergência para a meta, o Banco Central fez os seus cálculos para o IPCA e agora espera uma taxa mais alta tanto para 2014 quanto para 2015. É isso que ele diz no parágrafo 19, mas sem revelar os seus números.

A projeção de alta da energia elétrica subiu de 11% para 14%, o cálculo da correção dos preços administrados foi de 5% para 6% no ano que vem. O quanto será, de fato, depende muito da crise do setor elétrico, que está acumulando uma conta bilionária a ser repassada para as tarifas nos próximos anos.

O Banco Central está em um dilema. A inflação está caindo em relação ao mês anterior, mas vai passar alguns meses acima do teto da meta. O nível de atividade está diminuindo e as projeções são de crescimento pífio neste fim de mandato. Ao mesmo tempo, ele não recebe ajuda da política fiscal para combater a alta dos preços e tem pouco espaço para subir os juros em um cenário de desaceleração da economia.

É bom não esquecer que o quadro da economia internacional está estável. O mundo está ajudando. Mas quando os juros americanos começarem a subir ficará mais difícil segurar o preço da gasolina ou evitar a desvalorização cambial. Haverá, portanto, mais pressão inflacionária. ●

oglobo.com.br/economia/miriamleita

## QUALIDADE DE VIDA

# Governo argumenta que a ONU usou dados defasados no relatório

## Ministros afirmam que números atualizados levariam Brasil à 67ª posição

**MARTHA BECK**  
marthavb@bsb.oglobo.com.br  
**CRISTIANE BONFANTI**  
cristiane.bonfanti@bsb.oglobo.com.br

**-BRASÍLIA** -O governo montou uma verdadeira tropa de choque para contestar os dados do Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) 2014, divulgado ontem pela Organização das Nações Unidas (ONU). Os ministros Tereza Campello (Desenvolvimento Social e Combate à Fome), Arthur Chioro (Saúde) e Henrique Paim (Educação) afirmaram que os indicadores utilizados no cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil estão defasados e não refletem os avanços dos últimos anos. Segundo eles, se tivessem sido utilizados números mais atuais de saúde e educação, o IDH do Brasil subiria de 0,744 para 0,764, fazendo com que o país saltasse da 79ª para a 67ª posição no ranking, lugar ocupado hoje pela Venezuela.

No ano passado, o governo já havia criticado as contas da ONU, apontando que os dados sobre educação eram de 2005. A reação fez com que o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), responsável pelo relatório, recalculasse informalmente o IDH do Brasil. Pelas contas da entidade, o índice revisado levaria o país da 85ª para a 69ª colocação no ranking anterior. Este ano o problema se repete.

— Queremos ser avaliados e medidos por indicadores atualizados — disse Tereza Campello.

Uma das maiores divergências entre governo e Pnud está nos indicadores de educação. O relatório de 2014 calculou o índice do Brasil considerando uma escolaridade esperada de 15,2 anos, número encontrado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2012. Mas a ONU excluiu da conta matrículas de crianças de cinco anos que estão na pré-escola e adultos acima de 40 anos que estão nos ensinos Fundamental e Médio.

### PROBLEMA EM ANOS DE ESTUDO

Para Paim, no entanto, isso é um equívoco. Ele lembrou que a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), por exemplo, já inclui esses grupos em suas estatísticas. Essa mudança de critério elevaria a expectativa de estudo para 16,3 anos e deixaria o Brasil próximo de nações como Suíça e Suécia.

— Há um milhão de crianças



Em Brasília. Os ministros Henrique Paim (Educação) e Tereza Campello (Desenvolvimento Social) criticam relatório

### ▶ O QUE MEDE O IDH

**ÍNDICE:** Criado pelos economistas Mahbud ul Hag e Amartya Sen, o IDH tem por objetivo medir a qualidade de vida para além da renda. Leva em conta também indicadores de saúde e educação. Varia de zero a 1. Quanto mais próximo de 1, melhor o IDH.

**RENDA:** O IDH usa o critério de renda nacional bruta per capita e ajusta esse valor para o custo de vida de cada país.

**EDUCAÇÃO:** É medida com base em duas estatísticas: a escolaridade média da população e a expectativa de escolaridade, que é uma projeção de quantos anos de estudo terão as crianças que estão hoje na escola.

**SAÚDE:** É usada a expectativa de vida da população.

estudando que estão fora das estatísticas do IDH — acrescentou Tereza.

Outro problema está no indicador de anos de estudo. O Pnud utilizou como base de dados o Censo de 2010, que mostra essa taxa em 7,2 anos. Mas o governo destaca que a Pnad 2012 tem dados mais atualizados, de 7,6 anos.

Na área de saúde, o problema é a expectativa de vida. Os dados do IDH, que apontam taxa de 73,9 anos, foram obtidos no banco de dados de população da ONU, que é abastecido pelo IBGE com base no Censo de 2010. Mas o governo brasileiro

defende que o próprio IBGE já tem dados mais recentes, de 2013, que mostram a expectativa de vida em 74,8 anos.

— O Brasil vem se esforçando em melhorar a captação de dados para os organismos internacionais — disse Tereza. — Nós continuaremos discutindo para que sejamos avaliados por dados que estejam atuais. Temos muita expectativa de que isso vá acontecer. Acredito que no ano que vem tenhamos outra situação.

Mesmo contestando os dados, o governo não deixou de destacar os aspectos positivos do Brasil apontados pelo relatório. Tereza ressaltou que, apesar dos dados defasados, o IDH do país cresceu de forma consistente ao longo dos anos. Já Paim lembrou que o Brasil ficou bem posicionado no ranking em relação ao Brics, ficando atrás apenas da Rússia (o grupo inclui ainda China, Índia e África do Sul), bem como a outros países da América Latina, onde ficou entre os cinco que ganharam posições:

— Se pegarmos um país como o Chile, bastante citado na educação, o Brasil, na expectativa de anos de estudo, está à frente. Há um esforço do país do ponto de vista da inclusão.

Chioro, por sua vez, lembrou que desde 1980 houve um aumento de 11,2 anos na expectativa de vida dos brasileiros. O ministro atribuiu esse resultado à combinação de vários fatores, como a redução dos indicadores de mortalidade infantil, de mortalidade por doenças crônicas e por mortes violentas, entre outros. Ele enfatizou ainda políticas co-

mo as de direitos sexuais e reprodutivos, de atendimento de urgência e emergência, e a introdução do Programa Mais Médicos: — O aumento da expectativa de vida não é ao acaso.

### PARA AÉCIO, HOUVE AVANÇOS

O candidato a presidente pelo PSDB, senador Aécio Neves (MG), reconheceu que o resultado do IDH confirma os avanços pelos quais o Brasil vem passando nas últimas décadas, mas revela a necessidade de políticas públicas que promovam o desenvolvimento regional, diminuindo a desigualdade entre as regiões do país. Segundo o tucano, hoje poucos estados são responsáveis por elevar o IDH, e as diferenças precisam diminuir também entre cidades, bairros e famílias, por onde a ação governamental precisa começar.

“Outro ponto é enfrentar as dificuldades no acesso aos serviços básicos de saúde, uma das maiores privações dos brasileiros, e educação. Nesta área, ao focar em uma expectativa de tempo de estudos acima dos 15 anos, o governo federal fecha os olhos para uma população esquecida. O Brasil possui enorme passivo na população com mais de 25 anos, que tem em média sete anos de ensino”, afirmou Aécio em nota. ●

Colaborou Maria Lima

**NA WEB**  
**ACERVO O GLOBO**  
http://globo/1AdAJEC  
Com chancela de Nobel, IDH é criado em 1990 para medir o desenvolvimento dos países

# Eficácia social do Bolsa Família é alvo de divergência no próprio Pnud

## Para representante no Brasil, programa tem bons resultados a curto e longo prazos

**MARTHA BECK**  
marthavb@oglobo.com.br  
**CRISTIANE BONFANTI**  
cristiane.bonfanti@oglobo.com.br

**-BRASÍLIA** - Destaque no Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) 2014, o Bolsa Família acabou provocando um ruído entre o escritório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) no Brasil e sua sede em Nova York. No relatório, elaborado pela equipe dos Estados Unidos, os economistas afirmam que o Bolsa Família é um instrumento eficiente de transferência de renda e destacam que ele foi importante para mitigar, para os mais po-

bres, os efeitos do aumento dos preços de alimentos ocorrido depois da crise financeira mundial de 2008.

Mas os economistas defendem também que outras ações sejam adotadas, com o objetivo de que os ganhos desse tipo de programa se mantenham a longo prazo.

### GOVERNO VÊ AVALIAÇÃO GENÉRICA

A análise levou alguns jornalistas a perguntarem ao representante do Pnud no Brasil, Jorge Chediek, se essa não seria uma crítica ao Bolsa Família. Ele acabou admitindo que tem um entendimento diferente do adotado pelo escritório de Nova York. Segundo Chediek, o programa brasileiro tem bons resultados tanto a curto quanto a longo prazos.

— Às vezes, a saída da pobreza é um processo multigeracional — ressaltou. Já a ministra do Desenvol-

vimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello, disse que o relatório do Pnud faz uma avaliação genérica sobre programas sociais, não especificamente sobre o caso brasileiro:

— O que o relatório rigorosamente diz é que programas de transferência de renda puros não têm efeitos a longo prazo. Ao contrário do programa brasileiro. Quando ele fala de programas genericamente, diz que, de fato, falando de forma genérica, choques persistentes requerem políticas públicas desenhadas a longo prazo. Sistemas de resposta rápida, como são os de transferência de renda, podem facilitar melhores ajustes a curto prazo para eventos adversos. ●

IDH ajustado à desigualdade reforça tese de economista francês, na página 20

**Hoje na web**  
oglobo.com.br/economia

● **MÍDIA:** Após oferta de Murdoch, apresentador de TV dos EUA lança campanha de crowdfunding de brincadeira para comprar a CNN

● **NO TWITTER:** [twitter.com/OGlobo\\_Economia](http://twitter.com/OGlobo_Economia) Notícias em tempo real

● **O GOOGLE+:** [google.com/+JornalOGlobo](http://google.com/+JornalOGlobo) Siga O GLOBO no Google Plus

**SAMSUNG**

acesse **Kalunga.com** +120 lojas

SHOPPING BOULEVARD SÃO GONÇALO  
Av. Presidente Kennedy, 425  
SÃO GONÇALO SHOPPING Av. São Gonçalo, 100

## QUALIDADE DE VIDA

## Um mundo de contrastes

Renda na Noruega é 73 vezes a do Níger. Brasil tem educação do Kuwait e saúde de Belize

## SOBRE A RENDA

## O BRASIL E O MUNDO



## Saúde

A longevidade da população brasileira é de 73,9 anos. Ou seja, o Brasil tem a mesma expectativa de vida de **Belize e Jordânia**

## Renda

Com ganho médio anual de US\$ 14.275, o Brasil está próximo de **Botsuana** (US\$ 14.792) e **Montenegro** (US\$ 14.710)

## Educação

A escolaridade média de 7,2 anos de estudo do Brasil é a mesma do **Kuwait** e do Zimbábue. A expectativa para a escolaridade das crianças que hoje estão na escola, estimada em 15,2 anos de estudo no Brasil, é igual à de **Montenegro e Irã**

Apenas **85 pessoas** no mundo detêm riqueza igual à dos **3,5 bilhões** mais pobres

Considerando a pobreza não só pela renda, mas por critérios como moradia digna, energia para cozinhar, saúde, educação, entre outros, **1,5 bilhão** de pessoas em 99 países vive em situação de pobreza hoje

O **Níger** tem **89%** de sua população nessas condições

## CHINA E ÍNDIA

Dois gigantes emergentes, **China e Índia** têm trajetórias bastante diversas no que diz respeito ao IDH

De 2008 a 2013, com sua economia crescendo a taxas superiores a 7%, a **China** galgou dez posições no IDH, ficando em 91º, com índice 0,719, que representa alto desenvolvimento humano. Sua expectativa de vida é de 75,3 anos, e a média de escolaridade, de 7,5 anos



Já a **Índia**, que no mesmo período registrou crescimento econômico médio acima de 4%, avançou apenas uma posição no IDH, para a 135ª, com índice 0,586 (médio desenvolvimento humano). Sua expectativa de vida é de 66,4 anos e sua média de escolaridade, de 4,4 anos



## NORUEGA

Apesar de a economia norueguesa se mostrar pujante em diversas áreas, o setor petrolífero é o grande destaque: representa grande parte de suas exportações e proporciona 30% da receita tributária. Assim como outras nações nórdicas, o país é reconhecido internacionalmente pelo seu Estado de bem-estar social, que proporciona alguns dos melhores indicadores do mundo. O país não é membro da União Europeia (UE), tendo recusado se unir ao bloco em referendos realizados em 1972 e 1994



## OS EXTREMOS NO RANKING:

Noruega		Níger
81,5 anos	expectativa de vida	58,4 anos
12,6 anos	média de anos de estudos	1,4 ano
17,6 anos	expectativa de anos de estudo	5,4 anos
US\$ 63.909	renda anual	US\$ 873

## NÍGER

Grande parte da economia do Níger é baseada em agricultura de subsistência, que ocupa 90% da população e responde por um terço do PIB do país. Seu território também concentra algumas das maiores minas de urânio do mundo, cuja produção, em grande parte, é exportada para a França. O país enfrenta problemas como seca, violência e terrorismo. O Níger se tornou independente da França em 1960, mas, desde então, convive com uma rotina de golpes de estado. Essa história acidentada reflete nos indicadores sociais



## O VALOR DAS POLÍTICAS DE PROTEÇÃO SOCIAL

(trechos de artigos publicados no relatório da ONU)

"A educação é importante não apenas porque capacita as pessoas a viverem o seu potencial, não apenas porque aumenta a produtividade, mas também porque amplia a capacidade das pessoas de lidarem com choques. Pessoas mais instruídas têm mais chances de saírem de um emprego para outro"

"Apesar de grandes e variados progressos, ainda há grupos e indivíduos vulneráveis – sobretudo os portadores de necessidades especiais. As Nações Unidas estimam que mais de um bilhão de pessoas vive com algum tipo de necessidade especial, e eles são mais representativos entre os mais pobres do mundo"

"Com melhor coleta de dados, os países vão se sair melhor em qualquer meta que estabeleçam, seja salvar a vida das crianças, melhorar a renda agrícola ou dar mais voz às mulheres. Em última instância, a revolução dos dados pode significar uma vida melhor para bilhões de pessoas"

"As novas pesquisas sobre a primeira infância mostram que o que é socialmente justo pode ser eficiente do ponto de vista econômico. Aprimorar o desenvolvimento da primeira infância pode contribuir para uma estratégia de desenvolvimento econômico nacional de sucesso"

"Um pré-requisito para sustentabilidade no contexto de mudanças climáticas é lidar com as causas principais da vulnerabilidade, incluindo as desigualdades estruturais que geram e mantêm a pobreza e restringem o acesso a recursos básicos"

"A expansão do lucro a curto prazo nos mercados financeiros, com uma geração pobre de empregos, desviou recursos de um horizonte a longo prazo de empreendimentos sustentáveis de uma economia real"



JOSEPH STIGLITZ

Americano, prêmio Nobel de Economia em 2001

Fonte: Phud. Fotos: Bloomberg News e arquivo.



STEPHEN HAWKING

Físico britânico e diretor de pesquisa do Centro para a Cosmologia Teórica



BILL GATES

Americano, fundador da Microsoft e filantropo



JAMES HECKMAN

Americano, prêmio Nobel de Economia em 2000



RAJENDRA PACHAURI

Indiano, presidente do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, em inglês)



JUAN SOMAVIA

Chileno, ex-diretor geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT)

## QUALIDADE DE VIDA

## Piketty estava certo: o mundo é desigual

No Brasil, se consideradas disparidades sociais, IDH seria 27% menor. EUA perderiam 23 posições no ranking

MARTHA BECK, GABRIELA VALENTE, LUCIANNE CARNEIRO, LETÍCIA LINS E CLARICE SPITZ  
economia@oglobo.com.br

**-BRASÍLIA, RIO E RECIFE** - Poucos leram o calhamaço de quase mil páginas do livro "O capital no século XXI", do economista francês Thomas Piketty, que foi um sucesso de vendas e causou frenesi ao destrinchar as disparidades de renda em vários países. Mas muitos sofrem com os efeitos da desigualdade no mundo. O Relatório de Desenvolvimento humano da ONU mostra que, quando consideradas as diferenças não só de renda, como também no acesso à saúde e à educação no mundo, muitos países perdem posições no ranking do IDH.

Pelos cálculos do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o IDH do Brasil seria 27% menor, se considerada a desigualdade. Com isso, o país despenharia 16 posições no ranking mundial. No caso brasileiro, a desigualdade de renda é a que mais pesa. As disparidades subtraem 39,7% do indicador da renda. Considerando o impacto da desigualdade em todas as suas dimensões, o Brasil é o nono país entre os 145 pesquisados nesse quesito que mais perdem posições no ranking de desenvolvimento humano.

— O Brasil é um país muito desigual ainda. Mesmo que a desigualdade tenha sido reduzida nos últimos anos. É preciso trabalhar muito para construir a resiliência — ressalta o representante residente do Pnud no Brasil, Jorge Chediek. De acordo com o Pnud, Irã, Líbano, Angola, Namíbia, Botsuana e Trinidad e Tobago sofrem ainda mais do que o Brasil com a desigualdade. Estados Unidos e Coreia do Sul também estão na lista dos que perdem posições no ranking quando consideradas as disparidades sociais.

No caso americano, o país tem o quinto maior IDH do mundo, mas registra uma perda de 23 posições no ranking, com recuo de 17,4% no seu índice, quando se considera a desigualdade. O Reino Unido, que também está no grupo de países de muito alto desenvolvimento humano, recua 8,9% no seu índice e perde quatro posições.

Na avaliação do professor da Universidade de Brasília (UNB) Marcelo Medeiros, a desigualdade é o maior desafio para o avanço da qualidade de vida no país:

— Embora a desigualdade tenha caído des-



**Consumo.** Maria Renata dos Santos diz que vizinhos recorrem ao parcelamento para não deixar de comprar



**Bolsa Família.** Única renda fixa na família de Rafaela

de o fim dos anos 90 e, particularmente, nos anos 2000, o Brasil ainda é extremamente desigual. Aqui, a parcela do 1% mais rico tem mais renda que a metade mais pobre da população brasileira — diz.

O professor da UNB faz a ressalva de que não é possível relacionar diretamente os dados do IDH com a tese de Piketty porque há diferenças de metodologia. Por exemplo, o IDH não inclui toda a população muito rica, que é medida pela pesquisa de Piketty. Flavio Comim, da UFRGS e da Universidade de Cambridge, chama atenção também para o fato de que, embora ainda muito desigual, a realidade retratada pelo IDH contém apenas um pedaço das disparidades. Já a pesquisa do francês abrange, além das diferenças de renda, a concentração da riqueza, que inclui o patrimônio das famílias.

Com 24 anos, Rafaela Santos da Conceição faz parte dessa população mais pobre do Brasil e vive com ajuda do Bolsa Família. Há mais de dois anos, o marido não tem emprego fixo, e a única renda garantida para sustentar os três filhos do casal vem dos R\$ 310 do programa social. Nilton, de 7 anos, e Nívea, de 4, estão matriculados na escola pública, mas Nicole, de um ano e oito meses, ainda fica em casa com a mãe.

— Já tentei arranjar trabalho, mas não encontro creche para a menina pequena. Sei que

o dinheiro do governo é pouco, mas pior seria sem ele — afirma Rafaela, moradora de Recife.

No Rio, a vendedora autônoma Maria Renata dos Santos, de 40 anos, vive uma realidade diferente. No local onde mora, na comunidade da Ladeira dos Tabajaras, na Zona Sul do Rio, seus vizinhos "compram parcelado, mas não deixam de comprar". Recém-separada, ela teve de equipar sua casa:

— Tive de comprar todos os eletrodomésticos, mas paguei todos à vista. Agora, estou procurando um celular novo — conta.

Os ganhos de renda que ajudaram a vida de Maria Renata, no entanto, não atingiram toda a população. E uma redução maior da desigualdade no Brasil, segundo especialistas, passa por uma mudança na cobrança de tributos, hoje mais concentrada em consumo que em renda.

— A política de valorização do salário mínimo foi importante na redução da desigualdade e incluiu uma parte da população no consumo, mas isso não é suficiente. É preciso transferir renda de verdade, fazer uma política à la Robin Hood, dando mais serviço, mais educação e mais saúde para a população mais pobre — defende a professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Tatiane de Menezes.

#### MUNDO TEM 2,2 BILHÕES DE POBRES

O conceito de IDH ajustado pela desigualdade foi introduzido em 2010 pelo Pnud. A maior perda de desenvolvimento humano, quando se considera as disparidades sociais, ocorre na África Subsaariana (34%), seguida pelo Sul da Ásia (29%), pelos Estados árabes (26%) e pela América Latina e Caribe (24,5%). A perda é menor na Europa e na Ásia Central (13%). Países como México e Colômbia também são prejudicados pela desigualdade e mostram reduções em seus índices de 22,9% e 26,7%, respectivamente. No caso da Índia, há recuo de 28,6% no índice.

O mundo tem hoje 2,2 bilhões de pessoas pobres ou no limiar da pobreza. Segundo o relatório, 1,2 bilhão de pessoas vive com US\$ 1,25 ou menos por dia. No entanto, quando se considera o conceito de pobreza multidimensional (que inclui também a qualidade de vida, e não apenas a renda), esse número sobe para 1,5 bilhão. Quase 800 milhões estão numa zona de perigo e poderiam voltar à pobreza em caso de crises econômicas, conflitos armados ou desastres naturais.

Só o Brasil tem 6,083 milhões de pessoas que vivem em situação de pobreza. Esse número — que equivale a 3,1% da população do país — abrange indivíduos que, além de não terem renda, vivem sem acesso a educação ou saúde ou em condições de vida precárias (sem água, luz e saneamento, por exemplo). ●

## No Brasil, melhora de vida esbarra na educação

## Indicador foi o único que se manteve estável dentro do Índice de Desenvolvimento Humano

**-BRASÍLIA E RIO** - A educação ainda trava o avanço do país no ranking dos países com maior nível de desenvolvimento. Nas três dimensões que compõem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a educação está estagnada, enquanto avançam os indicadores de renda e saúde.

A expectativa de anos de estudo (que significa quanto tempo se espera que uma criança fique na escola) se manteve em 15,2 anos, e a média de anos de estudo, em 7,2 anos. Já a Renda Nacional Bruta (RNB) per capita do país subiu de US\$ 14.081 em 2012 para US\$ 14.275 em 2013, enquanto a expectativa de vida aumentou de 73,7 anos para 73,9 anos no mesmo período.

— O que está puxando o Brasil para baixo em desenvolvimento humano é a educação. Avançamos em expectativa de vida, e a renda é condizente com os demais países do grupo de alto desenvolvimento humano, mas a média de anos de estudo é a terceira pior do grupo e se aproxima dos grupos inferiores — explica a professora da UFPE Tatiane de Menezes.

No grupo de alto desenvolvimento humano, apenas Omã (6,8 anos) e Colômbia (7,1 anos) têm média de anos de estudo inferior à brasileira. Vizinhos da América Latina, como Argentina (9,8 anos), Chile (9,8 anos) e Cuba (10,2 anos), exibem números bem maiores.

E essa estabilidade nos indicadores de educação ocorreu mesmo com uma mudança de metodologia que beneficiou o Brasil. Os anos de estudo e os anos esperados de estudo passaram a ter o mesmo peso no IDH. Anteriormente, os anos de estudo tinham mais impor-



**Retorno.** Depois de 3 anos fora da escola, Edson agora pretende terminar o ensino fundamental

tância na conta, o que dava uma vantagem comparativa aos países desenvolvidos no ranking e prejudicava os emergentes. Mudanças de metodologia no cálculo do indicador ocorrem praticamente todos os anos.

#### 'VIDA NA ESCURIDÃO'

Segundo a coordenadora do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, Andréa Bolzon, ao dar mais importância aos anos de estudo, o IDH captava melhor os resultados de nações em que o problema da educação já está equacionado, como Noruega e Suíça. Mas não captava os esforços dos países em desenvolvimento em melhorar o ensino, com a expectativa de que as pessoas fiquem mais tempo na escola.

— Foi uma demanda de vários países em desenvolvimento que o IDH mudasse a forma de avaliar a educação — explica a coordenadora.

Brasileiros que ficaram à margem dos avanços educacionais do país sabem o custo disso na vida e tentam recuperar o tempo perdido. Para a cozinheira industri-

al Célia Anísia dos Santos, de 51 anos, uma pessoa sem estudo "é como se vivesse na escuridão, não tem acesso à tecnologia, é muito triste". Ela começou um curso de alfabetização para adultos em fevereiro.

— Nasci e fui criada na roça, sem incentivo para estudar porque os pais criavam a gente para trabalhar na lavoura. Mas agora que minhas filhas já estudaram, tenho minha oportunidade.

Bem mais jovem, Edson Vale, de 17 anos, também corre atrás do tempo perdido:

— Fiquei três anos parado e estou lutando para completar o ensino fundamental. Também trabalho por fora, sem carteira assinada. (Nice de Paula, Martha Beck, Gabriela Valente, Lucianne Carneiro e Clarice Spitz) ●

A cada semana, um dia de aula se perde por mau uso do tempo, na página 26



NA WEB  
<http://bit.ly/InmrM6S>  
Mapa do Índice de Desenvolvimento Humano 2013

#### Corpo a corpo

MARCELO NERI

## 'O grande desafio é o Ensino Médio'

Segundo ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos, morte violenta piora índice de expectativa de vida

**CRISTIANE BONFANTI**  
cristiane.bonfanti@bsb.oglobo.com.br

nal por Amostra de Domicílios) subiu 52%.

**-BRASÍLIA** - O ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, Marcelo Neri, avalia que o Brasil registrou uma melhora importante nos indicadores de desigualdade social ao longo dos anos, mas ressalta que o desafio, em relação à renda, é reduzir as disparidades.

● **O Brasil cresceu uma posição no ranking de IDH. Mas, quando se considera a desigualdade, o país cai. Qual é sua avaliação?**

O Brasil teve uma melhora importante, mas a fotografia da desigualdade ainda é muito ruim. Isso faz com que o indicador perca 16 posições. Quando eu comparo a fotografia do IDH brasileiro deste ano, ajustado e não ajustado, o Brasil tem essa piora no nível. Mas no filme, considerando a comparação dos dados de 2003 e de 2012, há melhora. A desigualdade caiu fortemente. Nesse período, a renda dos 10% mais pobres aumentou 106%, e a renda média média da Pnad (Pesquisa Nacio-

● **O Brasil está preparado para retomar o ritmo de crescimento do IDH?**

O relatório considera o PIB per capita, que teve um desempenho, entre 2011 e 2013, relativamente menor do que vinha tendo no período pré-crise ou mesmo em 2010, ano de retomada. Quando você pega indicadores baseados na renda das pessoas, o progresso é maior, na média, sem levar em conta a desigualdade.

● **Quais os maiores desafios para o país avançar no IDH?**

Na educação, o grande desafio é o ensino médio. No IDH de expectativa de vida, o que nos atrapalha é a morte violenta, em particular de jovens homens solteiros. Há potencial de melhora nesses indicadores. A população de jovens nunca foi e nunca será tão grande. São 51 milhões de jovens. Se melhoramos os indicadores, reduzimos o risco de 51 milhões de pessoas. Do ponto de vista da renda, o esforço permanece na redução da desigualdade. ●